

A ESCOLA EM CASA – IMAGENS INTERFERENTES NA FAMÍLIA

Natércia Pacheco

(Professora da FPCE-UP. Investigadora e membro do Projecto JOVALES)

O Luto difícil da família ideal

Não há forma de pensar a família sem que subrepticamente se imiscuem questões que dizem respeito a uma família ideal que serve de referência invisível e impossível, mas que está aí, construída por um imaginário social que se tem conservado, senão imutável, neste domínio, pelo menos, em grande incoerência com as múltiplas formas que as relações familiares têm assumido no mundo actual. Não é de hoje que este desfasamento acontece, tal como não é de hoje que a tradição já não é o que era. A isso se chama mudança e esta traz sempre nostalgias inefáveis...

Muitos dos segredos familiares devem-se a uma necessidade de decalque do mito da família ideal, sendo por vezes transportados ao longo de gerações como uma culpa inconfessável, em completo desacordo com as mudanças de costumes que vão acontecendo.

Por surpreendente que possa ser, o modelo da família - *vestido branco na igreja, promessa cumprida de viver até que a morte os separe e rodeada por uma progeneritura bem educada (seja lá o que isso for)*... - mantém-se como um modelo generalizado de família ideal de que é difícil fazer o luto. Aqui se misturam as crenças da mobilidade social e as lógicas da manutenção da aparência, que a burguesia tem defendido e implementado como quadro comportamental „integrador“ para as classes trabalhadoras. Note-se que os meios de comunicação social, nomeadamente através da publicidade, têm sido um sustentáculo pregnante desse modelo de família sem mácula... E o que quero afirmar com isto, não subentende uma negação do direito a um projecto-vida ideal deste ou daquele grupo social, religioso ou até etário¹³⁹. Recuso sim a afirmação de um modelo único de referência e procuro chamar a atenção para a existência de uma heterogeneidade de formas

¹³⁹ A família futura idealizada pelo jovem é ainda, com frequência, construída sob este modelo que promete felicidade, aceitação e estatuto social.

familiares, algumas das quais ainda se mantêm sob segredo, frequentemente um não-dito que não é ignorado, mas que se passa sob silêncio. Importa sobretudo sublinhar a legitimidade dessas diferentes formas de viver e conviver em sociedade, reclamar o reconhecimento do direito de qualquer um ser aceite como pessoa e cidadão, sem as marcas estereotipadas das lógicas da falta por referência a uma norma, que carece de actualização, de comprovação, de vida.

Na verdade, o questionário realizado pelo Projecto JOVALES, permite manter na ordem do não-dito o que o respondente entender a este nível, e, no tratamento das respostas relativas aos tipos de agregados familiares, usámos designações como família monoparental, biparental, biparental reconstruída. Qualquer destas categorias foi construída tendo em conta subcategorias em função do número de filhos. Além disso, assumiu-se a designação de família supletiva, incluindo famílias substitutas e instituições.

Podemos levantar algumas dúvidas sobre a designação de família biparental reconstruída, pois a existência de uma nova união, não significa, muito particularmente para os filhos, a reconstrução de uma realidade familiar anterior, em que pai e mãe viviam sob o mesmo tecto. Também a inclusão das famílias substitutas e instituições numa só categoria passa sob silêncio distinções fundamentais, em particular, a nível psicoafectivo e social.

Uma análise mais fina dos questionários permitiu-nos configurações, sem que fosse necessário recorrer a denominações que são em cada vez maior número e retomam a velha perspectiva dos handicaps socio-culturais como famílias de risco, famílias desagregadas, desestruturadas, etc.

O questionamento relativamente às nossas próprias opções metodológicas neste domínio não se deve a tendências perfeccionistas, mas sobretudo a uma chamada de atenção para a importância de evitar a impregnação de estereótipos na pesquisa e na vulgarização dos seus resultados. Esta abre dois espaços contraditórios de apropriação de saberes, nomeadamente, no que diz respeito às relações entre a Escola e a Família. Podemos assim identificar a apropriação de formas de problematizar o quotidiano destas relações, num espaço de reflexividade ao nível da interacção, apontando para projectos comuns de mudança; ou, o que é mais frequente e perigoso, verificar a apropriação de um discurso técnico que

serve de pretexto ao descomprometimento que se articula com os fenómenos da desculpabilização, do desinteresse e também do isolamento, reenviando as responsabilidades ao Outro, um Outro „culpado“ ou um Outro detentor de saberes „curativos“.

O retorno à família ideal através dos técnicos?

Ajuriaguerra (1980), no seu Manual de Psiquiatria da Infância, sem negar a importância do papel de profissionais em diversos domínios relacionados com a infância e juventude, aponta para o fenómeno cada vez mais acentuado da especialização, chamando a atenção para os riscos de substituição e desautorização da família nos seus saberes práticos e experienciais através da acção parcelar e objectivante de técnicos especializados.

Por outro lado, a família foi sendo cada vez mais objecto do mercado livreiro através de publicações de vulgarização científica e de autênticos receituários com títulos sugestivos apontando as mil e uma maneiras de educar uma criança e de enfrentar os desmandos da adolescência e juventude, que, pelo seu preço e muitas vezes pela sua linguagem, não são acessíveis a qualquer grupo social.

De certa forma, podemos dizer que estes discursos não só não permitem o luto de uma família ideal, como parecem prometer um retorno ao mito, à custa de um aumento de exigências e de um cada vez maior sentimento de incapacidade e incompletitude, de falta... e de dependência. Mas este sentimento de dependência no caso particular das famílias com crianças e jovens em idade escolar já não se refere apenas à Escola. TomKiewicz (1999) aponta para „uma ruptura da secular aliança que unia a escola e a família“ (192), sobretudo nos meios populares, para os quais a escola está a perder a sua imagem integradora, de preparação ao mundo do trabalho. Assim, a Escola é cada vez menos percebida como aliada na construção do futuro destas crianças e jovens, sendo antes lida como um obstáculo a ultrapassar. Por sua vez, os grupos sociais economicamente favorecidos sobrecarregam os seus filhos de actividades paralelas na esperança de que, na corrida de obstáculos, eles estejam entre os primeiros...

Efectivamente, a relação entre a Escola e a Família, que se percebeu durante tanto tempo como uma aliança (mais ou menos confiável, mais ou

menos frutuosa, mas de aceitação tácita), é hoje sentida como uma interferência...

A Escola e a sua interferência na família

Já pelo seu papel de segunda instância socializadora e porque sendo também ela cada vez mais rodeada de técnicos e especialistas que indicam aos professores os fazeres da sua profissão, a Escola não é alheia a esta perda de cumplicidades adultas construídas com base no discurso da „preparação do futuro“ das crianças e jovens que a frequentam. Em compensação, assume um papel de interferência na família, vivendo o conflito entre uma escola que não é ideal e uma família que também o não é. O sentimento de falta é mútuo e, no lugar da solidariedade, encontra-se a mútua desautorização e culpabilização. Como sugerimos atrás, dir-se-ia que cada uma destas instituições - Escola e Família - procura assumir-se como avaliadora/correctora da outra, como forma de compensação dos seus próprios sentimentos de insucesso.

Num texto já com mais de vinte anos, mas ainda actual, Perrenoud (1983) inventaria influências da escolarização nas famílias. Não podemos esquecer que o facto de ter filhos representa já uma alteração na vida dos pais e, o que acontece é que o seu peso é redobrado pela entrada na Escola. Para além disso, outros contextos não escolares transformam a criança e o jovem, interferindo assim na vida familiar. Apenas como apontamento a aprofundar posteriormente, gostaria de referir aqui, entre as „doze formas da escola agir sobre os pais“ o facto de que a escola *„decide, nomeadamente através da selecção, o futuro do seu filho e impõe-lhes portanto uma relação estratégica com a escolaridade, com o que isto comporta de stress, de conflitos, de esperanças e de decepções;“* (p.19).

O estabelecimento de estratégias eficazes relativamente à escola por parte das famílias exigiria o conhecimento de todos os dados em jogo, o que praticamente nunca é possível, nem mesmo para os pais que também são professores e conhecem, bem melhor que os outros, os meandros institucionais em que se podem mover.

Dubet refere que a escola se queixa do desinteresse dos pais de meios desfavorecidos mas, ao mesmo tempo, se retrai perante a intervenção de pais que procuram discutir em pé de igualdade a vida escolar dos seus filhos e a actuação da escola em domínios considerados reservados aos

professores.

Com efeito, numa das entrevistas realizadas no âmbito deste projecto¹⁴⁰, uma mãe descreve os seus contactos com a Escola afirmando que, por um lado, os pais são regularmente chamados a reuniões, nas quais se lamenta que poucos apareçam. Ao mesmo tempo, exprime a sua decepção porque, quanto a ela, a Escola espera que não se impliquem „demais“... E conta que aconteceu à escola porque o filho lhe disse „ *que tinha sido ameaçado de suspensão (...) e quando eles se aperceberam que eu queria saber o porquê (...) quer dizer, não punha em questão que o castigassem, se realmente eles achassem... agora que me explicassem (...) e, nessa fase, a coisa morreu. Já não aconteceu nada. Dá-me ideia que eles não estavam à espera que realmente a gente estivesse a participar no processo*“. „*Eu acho que eles não tinham uma imagem correcta do meu filho. Ele anda ali há não sei quantos anos e eles não o conhecem...*“

Apercebemo-nos aqui do terreno do conflito de que o jovem é o centro. De certa forma, a escola crê conhecer o *aluno*, a mãe afirma conhecer o *filho*... Por sua vez, muito provavelmente, o jovem procura conhecer-se, sentindo-se contraditoriamente habitado por essas identidades designadas e não se reconhecendo em nenhuma delas.

Enfim! A descrição não aponta para um Nós em que pais, professores e jovens resolvem num clima de comunicação os problemas que surgem. Trata-se de uma relação sempre perturbada por um clima de insegurança e mesmo de desconfiança, que é mais ou menos aguda, mais ou menos consciente em função das condições de maior ou menor igualdade entre elementos de uma parceria educativa. Nesta, o risco de deslize para relações de oposição e conquista de poder é tanto maior quanto mais o jovem for considerado como objecto de intervenção e ignorado como sujeito actuante e responsável nos processos de escolha e de construção dos seus projectos de vida.

Bibliografia

AJURIAGUERRA J. de (1980) *Manuel de Psychiatrie de l'enfant*. Paris: Masson

DUBET F. (2004) *L'école des chances*. Paris: Seuil

GLASMAN D. e OEVRARD F. (2004) *La Déscolarisation*. Paris: La Dispute/SNÉDIT

¹⁴⁰ Manuela Fidalgo, que realizou estas entrevistas, é investigadora deste projecto e prepara, sob a orientação do investigador responsável do Projecto Jovales, uma dissertação de mestrado em Ciências da Educação.

TOMKIEWICZ S. (1999) *L'adolescence volée*. Paris: Hachette

PERRENOUD Ph. (1983) *Ce que l'école fait aux parents*. Genève: Service de la recherche sociologique FPSE-Univ. Genève (policopiado).